Confluências Culturais
Revista Interdisciplinar

v. 14, n. 1: 80 anos do final da Segunda Guerra Mundial: memória, história e patrimônios

Expectativas da queda de Berlim e as vibrações da vitória sobre o nazismo (18 dias entre abril e maio de 1945)

Expectations of Berlin's fall and the vibrations of victory over Nazism (18 days between April and May 1945)

Expectativas ante la caída de Berlín y vibraciones de victoria sobre el nazismo (18 días entre abril y mayo de 1945)

Weslley dos Santos Graper[1]

Recebido em: 15 jan. 2025
Aceito para publicação em: 24 mar. 2025

Resumo: Este artigo analisa as repercussões no Brasil da iminência da queda de Berlim e as comemorações em razão da vitória dos Aliados sobre o nazismo, com foco na agência dos trabalhadores da imprensa e nas reações populares motivadas pela expectativa do fim da guerra. A escala de análise abrange regiões de Santa Catarina e analisa 27 reportagens dos jornais *O Estado* e *A Gazeta* (Florianópolis), *Cidade de Blumenau* e *A Nação* (Blumenau), *Jornal de Joinville* (Joinville) e *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro). O trabalho contribui para compreender a dinâmica da circulação de notícias no conturbado contexto do incontornável fim da Segunda Guerra Mundial e as posturas sociais diante desse cenário.
Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; queda de Berlim; imprensa; Santa Catarina.

[1] Graduado em História pela Universidade da Região de Joinville (Univille), mestrando em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc – Florianópolis, SC). Bolsista da Fundação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). *E-mail:* weslleygraper06@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3382-0705.

Abstract: This article analyzes the repercussions in Brazil of the imminent fall of Berlin and the celebrations surrounding the Allied victory over Nazism, focusing on the agency of press workers and popular reactions motivated by the expectation of the war's end. The scope of analysis covers regions of Santa Catarina, Brazil, and analyzes 27 reports from the newspapers *O Estado* and *A Gazeta* (Florianópolis), *Cidade de Blumenau* and *A Nação* (Blumenau), *Jornal de Joinville* (Joinville), and *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro). The work contributes to understanding the dynamics of news circulation in the turbulent context of the inevitable end of World War II and social attitudes toward this scenario.
Keywords: World War II; Berlin's fall; press; Santa Catarina.

Resumen: Este artículo analiza las repercusiones en Brasil de la inminente caída de Berlín y de las celebraciones por la victoria aliada sobre el nazismo, centrándose en la agencia de los trabajadores de prensa y en las reacciones populares motivadas por la expectativa del fin de la guerra. La escala abarca regiones de Santa Catarina, Brasil, y analiza 27 reportajes de los periódicos *O Estado* y *A Gazeta* (Florianópolis), *Cidade de Blumenau* y *A Nação* (Blumenau), *Jornal de Joinville* (Joinville) y *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro). El trabajo contribuye a comprender la dinámica de la circulación de noticias en el agitado contexto del inevitable fin de la Segunda Guerra Mundial y las actitudes sociales ante ese escenario.
Palabras clave: Segunda Guerra Mundial; caída de Berlín; prensa; Santa Catarina.

INTRODUÇÃO

11 de abril de 1945. Chega a Viena o Exército Vermelho. Britânicos e norte-americanos, em direção a Berlim, nos dias 4, 11 e 15, depararam no caminho com Buchenwald, Mittelbau-Dora, Bergen-Belsen e Dachau, campos de trabalho forçado e extermínio nazistas. A passagem foi franqueada aos correspondentes de guerra. Em 27 de abril, prisioneiros de Auschwitz foram libertados pelos russos. Na metade do mês, para evitar confrontos com as forças soviéticas, o general Eisenhower tomou a decisão de parar o avanço em direção à capital alemã. De qualquer modo, a obstinação de Stalin, depois de tudo que fizeram os nazistas contra a União Soviética, não permitiria a tomada de Berlim por outras forças antes do Exército Vermelho. Em 15 de abril, os soviéticos tomaram Viena. No dia seguinte, foi aberta a ofensiva sobre Berlim (Beevor, 2015). Nas próximas semanas, seriam selados os destinos do Terceiro Reich.

O objetivo deste artigo é analisar as repercussões no Brasil da iminência da queda de Berlim e as comemorações motivadas pela vitória Aliada sobre o nazismo, com foco na "cultura profissional" dos jornalistas (Traquina, 2005) e na "dimensão popular da política" (Thompson, 1998) manejada pelas pessoas comuns em um contexto marcado pelo fim incontornável do conflito mundial iniciado em 1939 e que se prolongou por seis longos anos. Um conjunto de obras que lidaram com a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina apenas citou de passagem as repercussões do "Dia da Vitória", sem dedicar a esse episódio análises detalhadas, ou apenas se restringiu a uma única cidade (Martins, 1995; Fáveri, 2004; Silva, 2008; Guedes; Oliveira Neto; Olska, 2008). Além do mais, são poucos os trabalhos historiográficos que lançaram algum tipo de interpretação sobre aqueles acontecimentos, sendo mais comum o interesse pela repercussão do retorno das tropas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) ao Brasil em julho de 1945 (Cytrynowicz, 2000; Ferreira, 2005; Maximiano, 2010; Ferraz, 2018). Este trabalho se justifica ao permitir lançar um olhar crítico para aqueles episódios de fins de abril e início de maio de 1945,

bem como por possibilitar conhecer melhor a agência de populares e profissionais da imprensa no contexto da guerra, dessa vez em seus momentos finais.

Nos últimos anos, alguns autores têm valorizado a agência popular nas mobilizações de massa durante a Segunda Guerra Mundial no Brasil, em especial no contexto das manifestações de 1942 em desagravo aos ataques dos submarinos alemães à Marinha brasileira. O engajamento popular na causa do antifascismo, a presença massiva de comunistas nessas mobilizações por meio de entidades voltadas à causa democrática e a ausência de algum tipo de orientação/manipulação premeditada por parte do Estado Novo são aspectos ressaltados quanto a esse episódio (Fortes, 2021; Sena Junior, 2022; Ferreira, 2017). Essas perspectivas contrariam outras abordagens cujo entendimento é de que a causa da democracia naquelas manifestações eram apenas brados vazios e manipulados pelo regime brasileiro. A única mobilização espontânea da população, segundo esse ponto de vista, apenas teria ocorrido em julho de 1945, com o retorno da FEB ao país (Cytrynowicz, 2000, p. 332 e 351-352).

Em acordo com as primeiras abordagens mencionadas e se posicionando contra esta última, o interesse aqui recaiu em compreender a atuação e relação dos jornalistas com seu ofício naquele contexto conturbado, bem como a agência popular diante da profusão de notícias que indicavam que a guerra, em breve, chegaria ao fim. Assim, foram levantadas as seguintes questões: é possível, mesmo que de modo fragmentário, apreender em movimento a difusão e a circulação das notícias naquela conjuntura? Em que medida é observável a agência dos trabalhadores dos meios de comunicação nesse processo? Há como flagrar as intenções de lucro dos proprietários da imprensa? Como os consumidores das notícias interagiram com os intensos fluxos de informações disparados na iminência do fim da Segunda Guerra Mundial? Quais os significados culturais da premência pela notícia de última hora por parte dos jornalistas e das reações populares diante desse ímpeto imediatista?

A aproximação com a documentação valeu-se do emprego da descrição densa de dados presentes nas fontes, resultando em um enredo que permitisse apreender os comportamentos sociais em suas minúcias, de modo a possibilitar a interpretação dos significados culturais do político. A interpretação das culturas (inclusas suas dimensões políticas), conforme orienta Geertz (1978, p. 28), deve se elaborar com base na leitura "do que acontece", isto é, da ação social. Caso contrário, sua aplicação torna-se vazia. A redução da escala de análise para algumas regiões de Santa Catarina justifica-se pois permitiu delimitar e examinar intensivamente uma série de relações sociais não visíveis em uma perspectiva macro e, simultaneamente, promover interpretações generalizantes ao fazer a variação de escalas. Enxergar aqueles episódios de abril e maio de 1945 por meio de uma escala focalizada em Santa Catarina indica "antes de mais nada a escolha de um ponto de vista de conhecimento", embora nem mais nem menos privilegiado – apenas descentralizado das grandes cidades do país (Lepetit, 1998, p. 94).

Para dar conta das questões levantadas, foram analisadas 27 reportagens dos seguintes periódicos: *Jornal de Joinville* (Joinville), *Cidade de Blumenau* e *A Nação* (Blumenau), *A Gazeta* e *O Estado* (Florianópolis), além do *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro). A imprensa serviu tanto para acessar fatos do passado quanto para entender o papel dos jornalistas como agentes sociais no processo histórico (Luca, 2020). Buscou-se, por trás das páginas dos jornais, identificar as personagens que moveram as engrenagens dos meios de comunicação, desmistificando a categoria abstrata "imprensa" (Capelato, 1989). Também se observou a concorrência entre periódicos, destacando como a veiculação de notícias internacionais em primeira mão atendeu a evidentes interesses financeiros (Barros, 2023).

Salvo esta introdução e as considerações finais, o artigo divide-se em quatro partes, delimitadas entre os 18 dias transcorridos entre a chegada das tropas soviéticas no centro da cidade de Berlim, em 21 de abril, e a data de 8 de maio, escolhida como o marco oficial do "Dia da Vitória" pelas potências aliadas ocidentais.

ENTUSIASMO E EXPECTATIVA (21 A 25 DE ABRIL)

Na madrugada de 16 de abril de 1945 (horário de Berlim), foi iniciada a ofensiva soviética sobre a capital alemã. O ataque continuou pelos dias seguintes. No dia 19, Stalin insistiu para que as tropas cercassem a cidade. Na data do aniversário de Hitler, 20 de abril, Goebbels, em mensagem radiofônica transmitida pela manhã, conclamou os alemães a confiar cegamente no Führer. Contraditoriamente, ao mesmo tempo, vários líderes nazistas foram acometidos por enorme desolação diante do avanço russo. Houve fugas, traições, deserções, suicídios. Na manhã do dia 21, logo cedo, ocorreram os últimos ataques aéreos aliados sobre a cidade. Algumas horas depois, novas explosões em anúncio de que a artilharia soviética estava bem perto do centro (Beevor, 2015, p. 982-991). No fuso horário brasileiro, já havia anoitecido.

À meia-noite de sábado, dia 21, correu pela cidade de Joinville o boato de que as tropas soviéticas teriam invadido Berlim. Os rumores eram "fundados nos últimos noticiários radiofônicos" (A repercussão..., 1945, p. 2). Precisamente às 3 horas da madrugada de domingo, dia 22, Frederico Schwartz, diretor do *Jornal de Joinville* (periódico ligado à cadeia de jornais dos *Diários Associados*), recebeu a confirmação da notícia pelo sr. Ernesto Gomes. Às 3h15, os funcionários do jornal correram para o Café Mascote e colocaram cartazes em sua fachada em anúncio dos últimos fatos. Isso "logo atraiu a atenção dos populares, pois àquela hora já começaram a reunir-se na Rua do Príncipe". Ao passo que chegavam novas notícias, os jornalistas foram expondo outros cartazes na vitrine do café (A repercussão..., 1945, p. 2).

Em pouco tempo se ouviu o "repipocar" dos foguetes e, "dentro em breve, toda a cidade estava a par da notícia, que se espalhou como rastilho de pólvora". A redação do *Jornal de Joinville* recebeu inúmeras ligações de pessoas "pedindo informações e perguntando a razão do pipocar dos foguetes e do bimbalhar dos sinos". Os funcionários do jornal, freneticamente, tiveram de conciliar o atendimento aos telefones, o acompanhamento das notícias via rádio e telégrafo e sua divulgação por meio dos cartazes improvisados. Simultaneamente, desde as 3h15 da madrugada, a emissora de rádio local, a ZYA-5 (Rádio Difusora), vinha "irradiando completo noticiário, marchas guerreiras e os hinos das Nações Unidas". Para "maior facilidade do público", os representantes da rádio instalaram alto-falantes na Praça Nereu Ramos. Certamente, muitos viraram a madrugada acompanhando as notícias. Às 5 horas da manhã, "já era grande a multidão que estava à rua do Príncipe, festejando o grande acontecimento. A alegria era ruidosa e geral", descreveu o editorial especial do dia 23 de abril (A repercussão..., 1945, p. 2).

Àquelas horas, a banda da Empresa Metalúrgica Nacional (antiga Metalúrgica Otto Bennack, encampada em 1942) "acompanhava o sentir do povo pela queda iminente de Berlim" (Passeata..., 1945, p. 1). Às 16 horas, a banda estacionou diante do palanque da Praça Nereu Ramos e da sede do correio e telégrafos. "Lá se encontravam as autoridades civis e militares e compacta massa de povo que vibrava à sucessão das notícias que se davam sobre a entrada dos russos na capital do nazismo". Um representante do jornal governista *A Noite*, que se encontrava na cidade, discursou para os presentes. Logo,

a banda da metalúrgica deu início a um desfile, acompanhada das autoridades e da população que empunhavam as bandeiras dos países aliados. "O entusiasmo era geral", escreveu o jornalista. Durante a noite, "esse entusiasmo não teve arrefecimento". Nova passeata foi organizada sob o estourar de "bombas, rojões, o que, aliás, havia começado na madrugada de domingo e continuado até essa hora, sem cessar" (Passeata..., 1945, p. 1).

Na manchete da edição extra do *Jornal de Joinville*, publicada no dia 23, segunda-feira (aquele órgão de imprensa não circulava às segundas), dizia-se em enormes letras garrafais: "ENTRARAM EM BERLIM!" (1945, p. 1). Não se tratava, ainda, do fim do Terceiro Reich. Tinham apenas os russos penetrado na capital alemã, porém aquela notícia foi o suficiente para revirar os ânimos dos joinvilenses. Tamanho entusiasmo levou os representantes da Liga de Defesa Nacional (LDN) em Joinville, conforme noticiado na reportagem extra de 23 de abril, a preparar "um comício monstro" para a tarde de domingo (A repercussão..., 1945, p. 2). Ademais, os representantes da entidade organizaram três dias de intensas celebrações, que iriam de segunda a quarta-feira (23 a 25 de abril), contando com a participação de autoridades militares, operários, estudantes, desportistas dos times de futebol locais e representantes religiosos. O fim do anúncio destacava: "A Liga de Defesa Nacional está solidária com qualquer manifestação pública de regozijo pela Vitória das Forças Aliadas, desde que sejam feitas dentro da ordem e respeito às determinações das autoridades competentes" (Liga..., 1945, p. 2).

Chama a atenção como uma cidade que apresentava fortes feições industriais naquela época se permitiu, durante três dias consecutivos (sem contabilizar o domingo, dia 22), mobilizar-se para aqueles festejos. Como naquelas atividades estavam envolvidas fábricas, estabelecimentos comerciais e repartições públicas, é possível imaginar que os horários das jornadas de alguns trabalhadores tenham sido flexibilizados com o objetivo de viabilizar a participação da população nas celebrações. Ademais, embora em um dos dias a programação determinasse que as solenidades iniciariam após as 18 horas, isto é, assim que finalizassem os expedientes, em outros dias a programação era marcada para iniciar no meio da tarde, às 16 horas (Liga..., 1945, p. 2). Esses são indícios de como uma cidade com forte presença germânica, principalmente entre seus setores produtivos (muitos deles então encampados pelo governo), buscava se afirmar como patriótica. Como apontou Wilson de Oliveira Neto (2024, p. 124), ao longo da guerra era possível constatar, em Joinville e nas cidades vizinhas, esforços para se dissociar das "imagens relacionadas aos quistos étnicos ou mesmo ao quinta-colunismo".

Conforme o autor (Oliveira Neto, 2024), isso dizia respeito particularmente à imprensa. O *Jornal de Joinville*, por exemplo, na década anterior havia sido veículo de propaganda do nazismo e do integralismo na cidade (Gertz, 1987). Essa posição simpática aos fascismos, todavia, não foi uma exclusividade da folha joinvilense. Outros jornais (como *O Estado*, *A Gazeta*, *Cidade de Blumenau* e *A Notícia*), sediados no interior de Santa Catarina e fora das "regiões coloniais", dirigidos por luso-brasileiros e direcionados a um público leitor da mesma etnia, costumavam publicar elogiosas reportagens a Adolf Hitler e Benito Mussolini. O fascismo era uma perspectiva de futuro aprazível para largas frações sociais nos anos 1930 em Santa Catarina (Falcão, L. F., 1999). O cenário só mudou radicalmente com o rompimento de relações diplomáticas com o Eixo em janeiro de 1942.

Naquela mesma semana, na cidade de Florianópolis, o Comitê Democrático provisório, uma entidade dirigida por comunistas, programou para o dia 24 de abril, terça-feira, um "comício em regozijo à entrada das forças russas em Berlim", em frente ao Democrata Clube, localizado na Praça XV de Novembro (Comício, 1945, p. 6). Antes da hora agendada, grande número de pessoas já se encontrava em frente ao local de

encontro, a Praça Pereira e Oliveira (próximo ao Teatro Álvaro de Carvalho). Pouco depois das 17 horas, ouviram-se os primeiros acordes da banda marcial. Sob os "aplausos entusiásticos dos presentes", os populares desfilaram pelas ruas da capital catarinense dando vivas e "empunhando triunfalmente as bandeiras do Brasil, Rússia, Estados Unidos, Inglaterra, França e de outras Nações Unidas" (Florianópolis..., 1945b, p. 6).

Ao longo do desfile, alguns traziam cartazes com homenagens aos líderes e países aliados, bem como à FEB: "A Roosevelt, Stalin e Churchill, a gratidão dos brasileiros", "Salve defensores da civilização. Brasil – Rússia – Estados Unidos – Inglaterra", "À FEB, com orgulho, os seus compatriotas". Outros cartazes expressavam as expectativas da população quanto aos destinos do conflito: "Depois de Roma, Berlim, depois de Berlim, Tóquio". Por fim, alguns cartazes davam mostras dos desejos de democratização e da persistência do clima antifascista iniciado em 1942: "Congratulando-se com todos os democratas", "Berlim caiu! A luta antifascista continuará". Após chegarem ao Democrata Clube, aqueles que desfilavam foram muito aplaudidos e se colocaram a ouvir os oradores, cuja voz foi retransmitida por alto-falantes (Florianópolis..., 1945b, p. 6).

Falou o dr. Aldo Ávila da Luz, presidente do Comitê Democrático, e depois discursaram Mário Lacombe, o jornalista Osvaldo Mello e os comunistas Hipólito Pereira e Sílvio Marques de Oliveira[2]. Os nomes de Roosevelt, Churchill e Stalin "foram diversas vezes aclamados entusiasticamente" (Florianópolis..., 1945b, p. 6). Os pracinhas brasileiros foram igualmente louvados. De acordo com os discursos (Florianópolis..., 1945b, p. 6), estes bravos brasileiros doaram seu sangue "em prol de um mundo melhor, onde, efetivamente, imperem a Justiça, o Direito e a Liberdade" – algo que não existia efetivamente no Brasil, ainda sob o Estado Novo. Seja como for, a circulação daquelas palavras de ordem mostra o êxito da propaganda norte-americana durante os anos de conflito. Conforme indicou Aline Vanessa Locastre (2020, p. 54), tal investimento pretendia positivar a imagem dos Estados Unidos na América do Sul e colocar o país como um "modelo de modernidade e progresso e, ao mesmo tempo, uma via para o futuro dessas nações" sul-americanas. No comício em Florianópolis, após Aldo Luiz pronunciar o discurso de encerramento, o desfile reiniciou, dessa vez acompanhado dos carros de aluguel de praça constantemente "fonfonando", simultaneamente aos "fogos multicolores" que estouravam nos céus de Florianópolis. Nas palavras do editorial de *O Estado*, isso deu "um aspecto impressionante à passeata". "Florianópolis viveu, ontem, indiscutivelmente, horas de intensa vibração", asseverou o periódico (Florianópolis..., 1945b, p. 6).

AFLIÇÃO E DESINFORMAÇÃO (28 DE ABRIL)

No fim de semana seguinte às vibrações em razão da entrada das forças soviéticas na capital alemã, dia 28 de abril, um sábado, em torno das 21 horas, a população foi acometida pelo "boato de que Berlim tinha caído, e que os nazistas haviam se rendido" aos norte-americanos e aos britânicos. Antes mesmo que os vigários pudessem tomar conta, "já nas igrejas eram badalados os sinos". Sirenes de fábricas, buzinas de carros e apitos de boca, "tudo que fosse suscetível de acordar os temperamentos mais frios, tudo [...] foi mobilizado para vazão, ruidosamente, à alegria do povo" (Joinville..., 1945, p. 6).

O clima nessa noite, assim como nas datas anteriores, foi completamente oposto ao das manifestações que atravessaram o ano de 1942, marcadas, entre outros sentimentos,

[2] Cf. Ribeiro (1989) e Martins (1995) a respeito de Hipólito Pereira e Sílvio Marques de Oliveira.

por raiva, ódio, desejo de vingança, luto, drama e tristeza. As mobilizações, motivadas pelo acontecimento que significava o fim do conflito e do nazismo, tinham o propósito de extravasar o estresse, as tensões e colocar para fora a alegria e felicidade. Nas ruas de Joinville, naquela noite do dia 28, era possível ver crianças, senhoras e homens adultos se acudindo. Houve um intenso clima de confraternização e celebração coletiva entre pessoas cujas expectativas coincidiam. Simultaneamente a esses gestos cordiais, cruzavam "acima e abaixo" o centro da cidade automóveis "cobertos com a bandeira russa, inglesa e norte-americana" – chega a ser estranho imaginar: a bandeira vermelha, com a foice e o martelo amarelos, desfilando pelas ruas de Joinville e sendo celebrada pela população. A todo momento, os condutores dos veículos eram "ovacionados pelo público ruidoso" (Joinville..., 1945, p. 6).

O *Jornal de Joinville*, assim como no final de semana anterior, expôs por horas seguidas vários cartazes para divulgar as "últimas". O periódico saía todas as tardes, de terça a sábado. As redações só abririam novamente na terça-feira do dia 1.º, conforme efetivamente ocorreu. Portanto, tiveram de improvisar o modo de difundir as notícias que eram ouvidas pelo rádio. Ao passo que colocavam novos cartazes, "o povaréu lia e pedia mais". A todo momento, perguntavam pelos "pormenores": "Hitler morto? Vivo?"; a resposta era "Não". E seguiam em ritmo frenético: "Farinacci julgado e morto pelo povo. Mussolini estava à espera da vez. O Führer, moribundo" (Joinville..., 1945, p. 6).

A comunidade dos jornalistas é dotada de uma "cultura profissional" muito própria, a qual é embebida de uma série de simbologias, rituais e mitos. Especialmente em momentos de ebulição social, a mitologia do "papel de servidores do público" atravessa as suas atividades profissionais (Traquina, 2005, p. 51). Naquela noite, os funcionários do *Jornal de Joinville* enxergaram-se em uma missão, quiçá tão importante quanto aquela conduzida pelos soldados aliados na Europa. Travavam nas ruas e nas redações, diante dos receptores radiotelegráficos, das máquinas de escrever e das linotipos, uma verdadeira "batalha da informação". Em virtude de possuírem "uma maneira própria de sentir o tempo, obsessiva e frenética" (Traquina, 2005, p. 50), os jornalistas viram-se em uma guerra contra o espaço temporal existente entre acontecimento, produção e difusão da notícia. Seu objetivo era encurtar ao máximo essa distância. Quanto aos proprietários dos jornais, essa obsessão pelo encurtamento do tempo possuía nítidos contornos financeiros.

Ainda na noite do dia 28, no noticiário radiofônico, ouvido por jornalistas e populares, teria sido dito que simultaneamente Nova York e São Francisco se encontraram em idêntico delírio pela notícia da rendição. O editorial de 1.º de maio do *Jornal de Joinville* escreveu que um membro da Conferência das Nações Unidas, durante uma sessão, deu a notícia aos presentes e leu em viva voz a manchete de um jornal, não identificado, onde se "dizia que todos exclamavam nas ruas de Frisco [São Francisco], de Nova York, de Joinville: Berlim caída! Rendição incondicional! Não se luta mais!!" (Joinville..., 1945, p. 6). Certamente, a menção feita pelo *Jornal de Joinville* ao episódio ocorrido nos Estados Unidos não tinha nada de factível. O jornalista pretendia, a bem da verdade, incluir os joinvilenses em uma comunidade de sentido: naquela cidade do sul do Brasil, ao mesmo tempo, se vibrava pelas mesmas razões.

Após tomar conhecimento daquelas mobilizações, o presidente dos Estados Unidos, Harry Truman – conforme escreveu o editorial do *Jornal de Joinville* –, teria ordenado confirmar aquilo "que se dizia em Nova York e em Joinville à boca cheia". O general Eisenhower, em um telegrama, teria respondido o seguinte: "Front Europeu 28 pt. Harry Truman White House vg. Wash pt. Autorizo desmentir boatos correm ruas Joinville, Nova York e São Francisco pt. Quem não acreditar venha ver logo quanto é tempo pt.

Eisenhower" (Joinville..., 1945, p. 6) – novamente a criatividade chistosa do articulista se manifestou. A notícia daquele telegrama só chegou a Joinville após a meia-noite.

Depois de divulgado aquele anúncio pelo rádio, conforme anotou a matéria de 1.º de maio, ficou dali em diante "desmentida a bela mentira". De acordo com os articulistas, desmentida com "desgosto para o mundo inteiro". Para contornar o eventual desânimo, o editorial dizia que, de qualquer modo, "os nazis estão nas últimas. É questão de aguentarmos um pouco mais nossa alegria para deixá-la explodir no momento exato. Mas dessa vez vai dar certo. Na terceira ninguém erra!..." (Joinville..., 1945, p. 6).

Às 9h34 daquela noite de sábado, de acordo com matéria do *Correio da Manhã*, Harry Truman reuniu um grupo de jornalistas e deu a notícia de o rumor da rendição alemã ser infundado. De fato, assim como escreveram os jornalistas joinvilenses, os delegados reunidos na Conferência das Nações Unidas, em São Francisco, tinham aplaudido com entusiasmo, "gritando e subindo nas cadeiras, assim que o sr. Julian Caceres, chefe da delegação de Honduras, trouxe ao recinto a edição extra dos jornais anunciando a rendição incondicional da Alemanha" (Os rumores..., 1945, p. 1).

A notícia da rendição alemã era realmente fruto de informações desencontradas. Quando começaram a circular os boatos em Joinville, o presidente Truman já havia desmentido o fato aos jornalistas norte-americanos. A população atravessou parte da madrugada comemorando em razão de uma notícia falsa. Entretanto a cidade do norte de Santa Catarina não foi a única a queimar a largada das comemorações da queda de Berlim. Joinville era uma cidade com apenas quase 17 mil habitantes – a título de comparação, Porto Alegre e Curitiba, capitais do sul do país, tinham pouco mais de 250 mil e 100 mil, respectivamente (IBGE, 1946, p. 36-37). Isso mostra a força dos meios de comunicação da época, que fizeram circular velozmente informações advindas de outro continente, permitindo àquela pequena cidade se sintonizar ao mesmo acontecimento em curso em diferentes regiões do globo. Poucas horas separaram a emissão da informação equivocada, as reações à sua difusão e seu desmentimento – uma circulação inegavelmente veloz.

Embora enganados, aquele episódio revela a alta expectativa da população quanto à capitulação alemã e ao fim do conflito mundial. Um boato infundado foi o suficiente para lançar a cidade em êxtase. Uma notícia falsa qualquer não provocaria tamanha repercussão caso a população não esperasse aflita e ansiosa por ela. Da parte dos jornalistas – não só os de Joinville, mas de todo o mundo –, o "valor do imediatismo" imanente à sua cultura profissional os fez pagar o preço de colocar as pessoas sob um engodo. Mas, se em "termos logísticos, o valor do imediatismo leva ao reforço da importância da capacidade performativa dos jornalistas de uma empresa na montagem da cobertura" (Traquina, 2005, p. 37-38), os funcionários do *Jornal de Joinville* mostraram-se muito bem preparados para tal empreitada, valendo-se até mesmo de improvisos. As consequências daqueles atos, entretanto, não foram mensuradas.

Como buscou inferir o jornal *Cidade de Blumenau* (A alegria..., 1945, p. 6), a repercussão, em sua cidade-sede, da notícia "propalada levianamente por uma agência telegráfica" resultou em "cenas verdadeiramente lamentáveis", as quais estavam "dando dor de cabeça para muita gente". Embora parecesse fora do comum, dizia a matéria, a senhora Belmira Miranda, viúva, de 82 anos de idade, moradora de Ponta Aguda, "se viu possuída de tamanha alegria ao saber da notícia que foi acometida de um ataque, do qual não retornou, falecendo no dia seguinte à noite, ou seja, no domingo". Pelo menos, ponderava o jornal, aquela "pobre anciã" teria perecido "na certeza de que, finalmente, a paz descera sobre o mundo". O episódio, merecedor de luto, deveria servir de exemplo para demonstrar como estava sendo "aguardada pelo povo o fim das hostilidades [que] vêm ensanguentando o mundo" (A alegria..., 1945, p. 6).

A população da capital federal não passou incólume por aquele engano. Na noite de sábado, quando veio pelo rádio a notícia de que a Alemanha teria aceitado a rendição, espalhou-se "uma gigantesca onda de júbilo" pela cidade. Do centro aos subúrbios, os cariocas "explodiram em contentamento coletivo": grupos reuniram-se nas ruas, pessoas foram às janelas e seguiram para o centro, superlotando transportes. As barcas de Niterói chegavam ao Rio "apitando festivamente e despejando milhares de pessoas" que vinham apenas "para participar do movimento". Comícios surgiram espontaneamente, foguetes, sirenes, apitos e buzinas misturavam-se aos "gritos de viva da multidão", enquanto "hurras!" à FEB e ao Brasil ecoavam sem cessar. Mesmo quando se confirmou que aquela "última" era infundada, a população recusou-se a "admitir a inveracidade" e permaneceu "alegremente pelas ruas até alta noite, em grande júbilo cívico" (O povo..., 1945, p. 1).

O que teria motivado o desencontro? Resposta dificílima de oferecer, mas é possível especular. No dia 28, representantes do Reich, embora Berlim já estivesse parcialmente sob a presença soviética, ainda não tinham recebido ordens para uma eventual negociação da rendição das forças alemãs – algo que ocorreria somente no dia 30, mesma data em que Hitler e Eva Braun cometeram suicídio (Beevor, 2015, p. 1.001-1.003). A reportagem do *Jornal de Joinville* mencionou que, entre as notícias recebidas pelo rádio, uma delas era sobre a morte do ministro de estado italiano Farinacci, "morto e julgado pelo povo" (Joinville..., 1945, p. 6).

No dia anterior, 27 de abril, notícias da agência norte-americana United Press (UP), divulgadas por jornais catarinenses, alegaram a rendição de alemães e a liberação de Milão e outras cidades ao norte da Itália por guerrilheiros. Exércitos anglo-americanos, dizia a matéria, continuavam o combate pela região. "De acordo com o desenvolvimento dos acontecimentos, acredita-se que as posições nazistas na Itália desmoronem rapidamente", afirmava a reportagem da UP (Desmoronamento..., 1945, p. 1). No dia seguinte, 28, uma pequena nota da mesma agência divulgou a prisão de Mussolini, junto de outros líderes fascistas – inclusive Farinacci (Preso..., 1945, p. 1). As tropas nazistas em toda a Itália se renderiam definitivamente em 2 de maio (Beevor, 2015, p. 1.008).

No editorial do *Correio da Manhã* do dia 29, foi dito que as notícias transmitidas pelas emissoras de rádio a partir das 21 horas do dia anterior não diziam respeito ao "fim da guerra". A Alemanha, de acordo com o jornal, no dia 28 teria pedido "rendição incondicional à Inglaterra e aos Estados Unidos, excluindo a Rússia". Churchill e Truman não teriam aceitado esses termos propostos por Himmler, completava. Essa notícia, por sua vez, era igualmente equivocada, resultado provavelmente de confusão quanto aos fatos ocorridos na Itália no dia anterior. Ironicamente, o jornal cobrava de publicitários, radialistas e jornalistas o "informar certo", do contrário incorreriam em crime de altos prejuízos. Ademais, as agências telegráficas internacionais, naqueles últimos dias, conforme ressaltou a matéria, vinham zelando pelo "cuidado de transmitir as notícias ainda não confirmadas com os textos bem claros", todas as vezes precedidos do termo "consta" (Segundo..., 1945, p. 24). Isto é, a todo momento circulavam notícias sem as devidas confirmações.

No exterior, os correspondentes de guerra trabalhavam majoritariamente para agências internacionais de notícias. Durante o conflito, eram impedidos de permanecer nas áreas de enfrentamento militar. A obtenção das informações dava-se pelos embaixadores, políticos, bem como por outros jornalistas e pela leitura de periódicos de outros países. Desse modo, muitas notícias sobre a guerra eram de segunda mão. Imperava entre os correspondentes a busca constante pelo furo de reportagem, atitude sempre sujeita a riscos (Junqueira, 2024).

Essas práticas, combinadas às notícias recentes do avanço sobre Berlim e às informações sobre as liberações na Itália, fizeram, possivelmente, muitos informantes e correspondentes interpretar os fatos, se não como a queda, pelo menos como a iminência mais imediata possível da corrosão completa do Terceiro Reich. Além do mais, da metade de abril em diante, "o controle do regime [nazista] sobre as áreas ocidentais encontrava-se em adiantado estado de dissolução", afirma Ian Kershaw (2015, p. 374). Conforme esse autor, o "colapso na rede de comunicações também contribuía para o enfraquecimento do controle central. No começo de abril, era praticamente impossível estabelecer contato entre Berlim e os distritos do sul da Alemanha e Áustria". Até mesmo se cogitou um serviço de mensageiros de motocicleta para fins de informações emergenciais (Kershaw, 2015, p. 376).

Todo esse cenário contribuía para a produção de informações desencontradas, independentemente de suas fontes. O desejo de muitos correspondentes de guerra de dar as notícias em primeira mão combinado a uma certa inconsequência, quando entrou em contato com a expectativa popular, gerou o alarme falso do dia 28 de abril. Alguns, talvez, apostaram na fortuna e lançaram as notícias antes mesmo de os fatos ocorrerem. Para o militante comunista João Falcão (1999, p. 272), testemunha daqueles episódios, o "término desta guerra de quase seis anos era um anseio universal, e eis a razão de tanto regozijo, ainda que não fosse o fato verdadeiro". Na sua visão, era possível dizer que a vitória foi antevista, "tão próxima ela se achava, criando-lhe um prólogo retumbante, com o espontâneo e sincero entusiasmo" (Falcão, J., 1999, p. 272).

"BERLIM CAPITULOU!" (2 DE MAIO)

A manchete do dia 3 de maio do *Jornal de Joinville*, em grandes letras de forma, dizia: "BERLIM CAPITULOU!". As outras matérias internacionais, todas da agência de notícias United Press (UP), advindas de diferentes países, tentavam dar conta dos acontecimentos: "Stalin anuncia a ocupação de Berlim" (Moscou, UP); "Como foi assinada a rendição" (Londres, UP); "Hitler teria sido assassinado" (Paris e Londres, UP); "Três suicídios" (Moscou, UP). A matéria de Paris afirmava que Hitler teria sido morto entre os dias 21 e 22 de abril após discussão com seus generais; a outra, de Londres, especulava o Führer ter morrido no dia 25 por derrame cerebral, enquanto lideranças nazistas alegavam sua morte em combate. A informação de Moscou era, na verdade, a correta: Hitler, Goebbels e o general Krebs teriam cometido suicídio. Três reportagens (duas de Londres e uma de Moscou) convergiam em dizer que às 15 horas, horário de Berlim, teriam os alemães deposto suas armas. Duas charges distribuídas pelo *British News Service* foram também impressas naquela primeira página (Jornal de Joinville, 1945, p. 1).

No dia 30 de abril havia sido iniciado o ataque ao Reichstag pelas tropas do Exército Vermelho. O general alemão Hans Krebs foi incumbido de negociar os termos de rendição com o comandante soviético, porém Stalin proibiu negociações. Somente a rendição incondicional seria aceita. A mensagem a Krebs foi de que, caso a rendição não fosse aceita até 10h15 daquele dia, Berlim seria transformada em ruínas. Como a resposta não veio, abriu-se novamente fogo sobre a cidade. Embora os nazistas resistissem à rendição, muitas lideranças planejavam fugas. No dia 2, uma calmaria tomou conta de Berlim. No topo do Reichstag, naquele dia, soldados soviéticos penduraram uma enorme bandeira vermelha com a foice e o martelo. Era o fim da "Operação Berlim" (Beevor, 2015, p. 1.002-1.006). Quando as tropas alemãs se renderam, em torno das 15 horas do horário da capital alemã, no Brasil eram cerca de 10 horas da manhã.

Os funcionários do *Jornal de Joinville*, na manhã do dia 2, uma quarta-feira, acompanhavam "a expectativa da população de nossa cidade, à espera da rendição de Berlim". Por meio do "possante" receptor de TSF (telegrafia sem fios) e o receptor de "Broadcast", os trabalhadores do jornal mantiveram-se "sempre em contato com os últimos noticiários" (Este vespertino..., 1945, p. 1), como registrou reportagem de 5 de maio. "Dessa vigilância que se prolongou sem interrupção até altas horas da noite e da presença de seus funcionários de todas as categorias nos respectivos postos", houve um resultado que alegrou a todo o corpo editorial do jornal (sobretudo ao seu proprietário): o *Jornal de Joinville* foi o primeiro periódico de Santa Catarina a divulgar as notícias da rendição de Berlim – dessa vez, sem engano. "A rendição foi assinada às 15 horas do dia 2 e às 15:35 'Jornal de Joinville', forçando seu horário, conseguiu sair à rua com a sensacional nova", disseram. Nas palavras do editorial: um "Verdadeiro 'furo' jornalístico!" (Este vespertino..., 1945, p. 1).

Os relatos publicados no dia 3 de maio, dia seguinte aos fatos, contradizem os horários da reportagem do dia 5. Exatamente às 17 horas do dia 2, dizia a matéria do dia 3, em Joinville "estourou a grande nova – Berlim caíra". Ligeiramente as primeiras informações se espalharam pela cidade "e, em pouco, espoucavam rojões e bimbalhavam sinos". Conhecidos nas ruas se abraçavam, "num amplexo guardado por 6 longos anos de angústia e de temor", descreveu uma testemunha. O articulista do *Jornal de Joinville* questionou: "que seria de nós se as hordas fanáticas fascistas, nazistas e amarelas, vencessem a guerra? Nem pensar é bom!". De acordo com a reportagem, naquela noite ninguém jantou, e "quem o fez foi às pressas". A banda do 13.º Batalhão de Caçadores (13.º BC) em pouco tempo apareceu na Rua do Príncipe, em direção ao palanque da Praça Nereu Ramos. Naquele local, um serviço de alto-falantes da ZYA-5 transmitia as últimas notícias (O dia..., 1945, p. 1).

A "juventude de Joinville" já se encontrava organizada e apenas aguardava pelo "Dia D". Na ocasião, desfilou puxada pela banda da Metalúrgica Nacional. Um jornalista descreveu que essa passeata se caracterizou "pelo entusiasmo das moças e moços, que, empunhando artisticamente lanternas, conseguiram produzir lindo efeito na noite fria e animada pelo entusiasmo geral, apitar das sirenes e ribombar dos foguetes". Em casas particulares e nas dependências públicas foram hasteadas bandeiras. O "povaréu" depois se concentrou na Praça Nereu Ramos, onde foram ouvidos discursos. Em um "tour de force", telegrafistas, redatores e gráficos do *Jornal de Joinville* trabalharam além do horário de seus expedientes de modo a publicar, em edição especial do dia seguinte, as "últimas" sobre a queda de Berlim e a rendição italiana, "concorrendo, assim, para confirmar todas as esperanças" (O dia..., 1945, p. 1). Novamente, o ar mitológico da necessidade de despender esforços exponenciais com o fito de cumprir suas missões de caráter público.

Às 8 horas da manhã de quinta-feira, dia 3, foi posta à venda a edição especial do jornal com os últimos telegramas da United Press encaminhados da Europa. Como o *Jornal de Joinville* era uma folha vespertina, não só o corpo editorial do periódico, mas também os vendedores de jornais tiveram de trabalhar em turno distinto daquele que costumavam. Pode-se imaginar, levantaram-se cedo de suas camas, foram à gráfica retirar os exemplares em dobro do jornal e saíram às ruas principais da cidade para vendê-los aos berros. Rapidamente, todas as cópias da edição do dia 3 se esgotaram. Pelo apoio, o *Jornal de Joinville* agradeceu ao seu público e aos seus funcionários, "gráficos, redatores e telegrafistas que tudo fizeram para poder brindar o público de Joinville que honrou com a sua preferência" (Este vespertino..., 1945, p. 1).

Desde dezembro de 1944, *A Notícia*, o maior concorrente do *Jornal de Joinville*, havia deixado de circular, em razão da morte de seu proprietário, Aurino Soares. *A Notícia* havia se destacado ao longo da guerra na divulgação do noticiário do conflito.

Quando passou a não mais existir, a folha deixou um grande vácuo na concorrência, que pôde ser preenchido pelo *Jornal de Joinville,* cuja criação era até mesmo anterior à do seu competidor. Em uma cidade relativamente pequena, era em alguma medida fácil um órgão de comunicação estreitar laços com seu público leitor e, assim, fidelizar clientes. De todo modo, nota-se como naquelas mobilizações os trabalhadores do *Jornal de Joinville* colaboraram intensamente com a euforia popular. Atuaram como importantes aditivos para as comemorações que se seguiram ao longo de toda a quarta-feira do dia 2 de maio.

Ao que indica a análise feita nos jornais de Blumenau e Florianópolis, nos periódicos dessas cidades não foram divulgadas reportagens de mobilizações no dia 2. Isso não significa que não tenham ocorrido. Na capital catarinense, pode-se presumir que eventuais mobilizações tenham se fundido à ressaca das efusivas comemorações do 1.º de maio ocorridas na cidade. Na ocasião, o interventor Nereu Ramos falou em "política do rico contra o pobre". Em seu discurso improvisado, anunciou que "os que vivem no conforto não tem autoridade para acusar de luxuosas, obras feitas em benefício dos pequeninos, dos humildes, dos enfermos e dos sofredores". Uma fotografia dava mostras da enorme multidão presente na festividade, portando faixas em apoio ao governo (Política..., 1945, p. 1).

Não seria nada estranha a eventual fusão do clima de 1.º de maio às vibrações da rendição das forças alemãs, em Berlim, no dia seguinte. Na análise de Alexandre Fortes (2017, p. 177), a respeito da classe trabalhadora, o fim do conflito mundial trazia consigo a expectativa de que o "cheque patriótico" dos sacrifícios despendidos durante o esforço de guerra seria descontado com substanciais reformas sociais e políticas. Em síntese, o fim da guerra significaria a efetivação dos direitos sociais e a incorporação dos trabalhadores no mundo político (Fortes, 2017, p. 174). Invariavelmente, celebrações simultâneas vieram a ocorrer quando, por fim, o Terceiro Reich foi dado como vencido a partir do dia 7 de maio de 1945.

A RENDIÇÃO INCONDICIONAL E "O DIA DA VITÓRIA" (7 E 8 DE MAIO)

Eisenhower, nas primeiras horas de 7 de maio, em Reims, no noroeste da França, assinou o "Ato de Rendição Militar" com a delegação alemã. Contudo, a pedido de Stalin, os alemães foram obrigados a formalizar uma nova rendição em Berlim, dessa vez no coração do *front* oriental, numa cerimônia realizada um minuto após a meia-noite do dia 9 de maio. No dia 8, as ruas de Londres e diversas cidades americanas já fervilhavam com multidões celebrando o fim da guerra. No Leste Europeu, porém, o cenário era outro: as tropas soviéticas ainda enfrentavam combates intensos (Beevor, 2015, p. 1.010).

A edição matutina de 8 de maio do jornal florianopolitano *O Estado* repercutiu em sua manchete matéria produzida pela United Press no dia anterior. Nela, a agência anunciava que o dia 8 de maio passaria para a história como "O Dia da Vitória". Às 8 horas da manhã do dia 7, os termos de rendição haviam sido efetuados, dizia a matéria. Nos momentos imediatos à assinatura, houve certa confusão nas fontes de notícias aliadas (alguns observadores acharam que se tratava de uma rendição parcial, apenas aos britânicos e norte-americanos, excluindo os soviéticos). A notícia oficial do fim da guerra seria divulgada por Churchill às 15 horas, horário da Inglaterra (em torno do meio-dia, horário do Rio de Janeiro). Nas grandes cidades aliadas, durante o dia 7 já se notavam grandes passeatas, afirmava a reportagem (Hoje..., 1945, p. 1).

Na capital catarinense não foi diferente. "Tão logo a população de Florianópolis teve conhecimento do término da guerra, afluiu às ruas, espargindo a mancheias o entusiasmo de que se achava possuída", descreveu *O Estado*. A notícia, provavelmente ouvida pelo rádio, deve ter chegado à cidade em meados do início da tarde. Mulheres, homens e crianças, pertencentes a "todas as classes sociais", confraternizaram a vitória. "Espontaneamente organizaram-se passeatas e hosanas aos bravos soldados aliados eram cantadas". Durante a noite, a União da Juventude Democrática promoveu um "comício monstro" que contou com a presença de "compacta e entusiasta multidão", que aguardava pelos oradores. Falaram advogados, professores, jornalistas, estudantes, operários e funcionários públicos. Todos "arrancaram dos presentes os mais vibrantes aplausos". Os representantes consulares dos Estados Unidos e Inglaterra apareceram no comício, dando as caras pela sacada do Democrata Clube. Elogios e louvores eram entoados às Nações Unidas e especialmente à FEB. Membros de "facções políticas adversárias, irmanados pelos mesmos sentimentos, assomaram à mesma tribuna trazendo aos catarinenses os augúrios de melhores dias, de um mundo melhor, de uma paz duradoura" (As manifestações..., 1945, p. 1).

Ainda durante o dia 7, a LDN em Joinville organizou os festejos na cidade. De acordo com o *Jornal de Joinville*, a cidade talvez nunca tivesse "assistido a tamanha concentração de povo como as que se fizeram ultimamente por ocasião dos acontecimentos europeus" (Como transcorreram..., 1945, p. 1). Afirmações como essas foram feitas da última vez pelo mesmo periódico quando o Brasil declarou guerra ao Eixo em 22 de agosto de 1942. No dia seguinte – 8 de maio de 1945 –, as mobilizações não cessaram. Durante o "Dia da Vitória" propriamente dito, na capital catarinense, os estudantes da Academia de Comércio agendaram para as 19 horas uma marcha "*aux flambeaux*". O local de encontro, mais uma vez, seria em frente ao Democrata Clube, na Praça XV de Novembro (Marcha..., 1945, p. 1).

Naquela noite de terça-feira, a mocidade estudantil de Florianópolis percorreu as principais ruas da cidade carregando cartazes "vistosos", bem como "dísticos patrióticos". No caminho, recebiam "calorosas salva de palmas". Professores e altas autoridades conduziam à sua frente as bandeiras das Nações Unidas. Na sede do Democrata Clube, o interventor Nereu Ramos, junto de vários jornalistas, professores e estudantes da Faculdade de Direito, Academia de Comércio, Instituto de Educação, Colégio Catarinense, Instituto Coração de Jesus, entre outros, esperava-os. Ao chegarem, Nereu Ramos foi à sacada "recebido com calorosa e prolongada salva de palmas pela compacta massa que aguardava o instante em que os oradores fariam uso da palavra". Entre os oradores, estavam as "senhorinhas" Maria Regina Malburg e Maria Conceição Melo, do Instituto Sagrado Coração de Jesus e da Academia de Comércio, respectivamente (Florianópolis..., 1945a, p. 6).

Em Blumenau, durante o "Dia da Vitória", o jovem Ruy Moreira da Costa, de apenas 15 anos, foi às ruas para ver do que se tratava aquele agito que se ouvia de sua casa, à Rua Paraíba. Na Praça Hercílio Luz, em frente à prefeitura, ouviu um homem dizer emocionado diversas vezes: "Eu me envergonho do meu sangue alemão!". Perto do orador, encontrava-se um boneco improvisado com roupas desgastadas e um saco cheio de tijolos. O rosto do boneco exibia "um bigode fino, o nome Hitler e uma cruz suástica desenhada de forma precária. Entre as pernas do boneco, surgia a cabeça de um homem, que aparentava estar fazendo grande esforço para suportar aquele peso". Alguém na ocasião lhe disse tratar-se de um alemão, o qual teria dito que, quando a Alemanha vencesse, iria encilhar os brasileiros numa carroça e levar até a frente da prefeitura (Costa, 1992, p. 36).

Os rituais de violência, por mais cruéis que sejam, não são casuais e sem limites, assim como se dirigem "a alvos definidos", e as formas de exercício da humilhação são escolhidas de um "repertório de punições e formas de destruição" constituídas historicamente (Davis, 1990, p. 131). A humilhação daquele alemão, encilhado pelo boneco de Hitler forrado de tijolos, não era fruto de um gesto de irracionalidade por parte dos populares de Blumenau. Foram aqueles gestos movidos como uma resposta às humilhações previamente vivenciadas pela população luso-brasileira, "cabocla" e preta. Ademais, essas manifestações de caráter popular costumam ocorrer com base em um "estoque de tradições" (Davis, 1990, p. 156). Logo, desperta atenção a semelhança com a prática da malhação de Judas, presente a largos anos na cultura brasileira. Esses procedimentos com fins de humilhação ritual eram recursos reguladores dos conflitos sociais e revelam os códigos morais que regiam a sociedade (Thompson, 1998) – no caso dos episódios de Blumenau, a intolerância quanto à afinidade com o nazismo e às ideias de superioridade decorrentes dessa atração política.

Depois de vislumbrar aquela cena, um homem negro aproximou-se de Ruy, olhou para ele e seu colega, Aldo Pereira de Andrade, "bateu com a mão no cabelo encarapinhado" e de imediato gritou: "Este é o cabelinho do Brasil". Outros afro-brasileiros nas imediações "prorromperam em gritos, aplaudindo e nós fomos saindo de fininho", descreveu Costa (1992, p. 37) em suas memórias. A experiência da guerra, argumenta Fortes (2017, p. 185-188), promoveu uma importante inversão nas concepções de hierarquias raciais. Imigrantes europeus, antes representantes do embranquecimento nacional, sob a alcunha de "quinta-colunistas" e "súditos do Eixo", viraram durante a guerra símbolos dos inimigos internos e externos da nação.

Nesse ínterim, o sentimento nacional brasileiro foi reformulado por meio de uma espécie de "autonacionalização", fundamentada na valorização de elementos internos da cultura e da identidade nacional, purificados de seu suposto caráter desordenado e negativo. Esse rearranjo abriu espaço para que, entre setores significativos da sociedade brasileira (especialmente os populares), a ideia de superioridade racial fosse questionada. Com o fim da guerra, o regime, ao prometer direitos sociais e maior inclusão política para os trabalhadores, também precisava estender essas garantias à população negra (Fortes, 2017, p. 185-188). O gesto do rapaz negro que interpelou Ruy durante as comemorações de 8 de maio evidencia uma percepção quanto a esse processo; por essa razão, seu "cabelo encarapinhado" era "o cabelinho do Brasil".

O jornal *A Nação*, de Blumenau, fundado em 1943 por Honorato Tomelin, também apreendeu precisamente esse clima do período, ao noticiar as manifestações naquela cidade. De acordo com um jornalista, durante os agitados dias após a queda definitiva do Terceiro Reich, era possível ver no rosto de cada brasileiro a satisfação e certeza de que não mais existirá "sobre a face da terra o germanismo de Hitler e que as raças podem sossegadamente continuar a viver em uma atmosfera de paz e felicidade que sempre almejou" (Blumenau..., 1945, p. 8).

Na ocasião, de acordo com o mesmo jornal, vários oradores reunidos em frente ao Café Pinguim exaltaram os sentimentos de brasilidade e convidaram "certos elementos que em tempos saudosos pensavam num Brasil germanizado, para que participassem dos festejos". Desde então, "o entusiasmo recrudesceu e o povo sentiu reforçar seu ânimo e o desejo de mostrar a esses arautos da grande Alemanha, o que é o coração do caboclo nacional, o quanto é puro o sentimento do brasileiro" (Blumenau..., 1945, p. 8). Para muitos dos manifestantes reunidos no Café Pinguim, pensar em superioridade racial, após a queda de Berlim, era algo inconcebível.

Tal sensibilidade quanto a essa natureza do novo tempo aberto com a vitória sobre o nazismo também se manifestou na ocasião da instalação do Partido Social

Democrático em Santa Catarina. Durante sua convenção, realizada no dia 12 de maio e dirigida pelo interventor Nereu Ramos, a ex-deputada estadual Antonieta de Barros, nas primeiras linhas de seu discurso, deu o tom da relação daquela solenidade com a queda de Berlim e o fim do Terceiro Reich. No microfone etiquetado com as siglas do órgão de propaganda da ditadura (conforme era possível ver na fotografia publicada na primeira página de *A Gazeta*), disse o seguinte:

> A eternidade das pátrias é fruto da grandeza moral de seus filhos. E esta não se revela, de modo nenhum, nos mitos de superioridade racial, nem na submissão de autômatos, mas no culto à Liberdade, como clima único, para que vicejem e se concretizem os ideais positivos e o sentimento consciente da soberania nacional (Organizaram-se..., 1945, p. 11).

Malgrado *A Nação* alegasse que não ocorreram agressões naquelas manifestações (Blumenau..., 1945, p. 8), outros jornais indicaram o contrário. O *Cidade de Blumenau*, ao final do mês, republicou uma matéria do jornal *Diário da Tarde*, cuja sede ficava em Florianópolis, embora fosse uma folha atrelada às elites do Vale do Itajaí. Na reportagem, era dito o seguinte: "Populares exaltados, talvez insuflados por espíritos de vingança, obrigaram a cidadãos descendentes de alemães a atos de humilhação, desfilando pelas ruas da cidade sob apupos e gritos reveladores de uma imprudência inqualificável" (Desordem..., 1945b, p. 1).

O Delegado Regional de Polícia, o qual teria assistido às cenas, não tomou nenhuma "atitude para evitar os excessos cometidos". Foi necessária uma ordem do juiz de direito da comarca da região para que o comandante do 32.º Batalhão de Caçadores (32.º BC) "reestabelecesse o necessário respeito e a ordem naquela cidade". A matéria do *Diário da Tarde* replicada na folha blumenauense ainda provocava, dizendo que o delegado de Blumenau "que se notabilizou em prender e castigar a tanta gente por lhe atribuir atividade quinta colunista, segundo sabemos nunca levou essa sua preocupação contra aqueles que sofreram os excessos dos manifestantes do dia [da] vitória" (Desordem..., 1945b, p. 1).

De fato, durante a guerra e a Campanha de Nacionalização, as forças policiais de Santa Catarina, legitimadas pela interventoria estadual, foram responsáveis por uma série de violências, envolvendo desde extorsões a torturas psicológicas e físicas. Isso se intensificou especialmente após o ano de 1942. Populares, volta e meia, sentiam-se legitimados pelas atitudes das autoridades e incorriam nos mesmos gestos (Fáveri, 2004). Todavia, embora não significasse o direito à violência, as pessoas não tiveram esse padrão de comportamento sem partilhar de algum tipo de senso de justiça. Aquilo fizeram, inclusive as autoridades, porque suas experiências anteriores ofereciam, em grande medida, legitimidade àqueles gestos e, ao praticá-los, entendiam estar purificando a comunidade nacional (Davis, 1990).

Além do mais, durante aqueles dias de vibração pela vitória Aliada, segundo o *Cidade de Blumenau*, verificaram-se na cidade "certos distúrbios dissonantes e incoerentes que empanaram em parte o brilhantismo das nossas manifestações de alegria". De acordo com o articulista do jornal, desde cedo "elementos oportunistas, alguns de passado suspeito e duvidoso", naquele caso um antigo membro do núcleo do bairro Garcia da Ação Integralista Brasileira, Constantino Setragni, teriam confundido "a alegria popular da Vitoria" e manifestado desagravos pessoais, incitando "represálias condenáveis contra cidadãos brasileiros e de propriedades particulares". Esses gestos logo sofreram a interferência do 32.º BC (Desordem..., 1945a, p. 1). Talvez fizessem parte dos mesmos ataques relatados pelo *Diário da Tarde* (Desordem..., 1945b, p. 1).

Em outras regiões do país houve também confusões envolvendo antigos integralistas. Existe o registro de que camisas-verdes provocaram manifestantes (Falcão, J., 1999, p. 273). Na cidade de Blumenau, porém, a intriga parece ter sido motivada por razões de outra ordem. Setragni respondeu às acusações contra sua pessoa por meio do jornal *A Nação*. Em sua defesa, disse que, "quando houve as mais justas expansões de alegria pela vitória das armas das Nações Unidas, eu estive junto à massa popular, sentindo o mesmo entusiasmo". Naqueles instantes, era-lhe "confortador" ouvir "as advertências que se faziam a todos que, criminosamente, nutriam simpatias, embora sendo brasileiros, a países de origem". Depois, Setragni teria sido convidado pelos presentes a discursar e, assim, "endossei com convicção o que já tinha sido minuciosa e detalhadamente ventilado", afirmou (Revidando..., 1945, p. 2).

Ainda que criticasse os simpáticos ao Eixo, Setragni defendeu-se das críticas motivadas por ter sido integralista. De acordo com suas palavras, ter vestido a camisa-verde não lhe fazia menos patriota (pelo contrário!). Além do mais, confessou que, após extinto o partido, se voltou aos brios nacionais – em alusão ao Estado Novo de Getúlio Vargas:

> De tudo, todavia, uma verdade se salvou! Diz o articulista que fui Integralista. Não nego absolutamente. Compreende, contudo, que ter sido Integralista não constitui crime nem desprestígio moral. Fui Integralista sem nunca ter deixado de amar a minha Pátria acima de tudo, e, extinto que foi o Integralismo, voltei às minhas vistas para o vulto que surgia no cenário nacional (Revidando..., 1945, p. 2).

Setragni ainda acusava o jornal *Cidade de Blumenau* de vir a público dar "amplas satisfações à Quinta Coluna que, de ré perante a opinião pública, passa a expectadora satisfeita na arena onde agora se digladiam brasileiros de bom e de mau caráter" (Revidando..., 1945, p. 2). O periódico alvo da acusação, de propriedade de Achilles Balsini, evidentemente se incomodou com as atitudes populares contra a população de origem germânica durante aquelas celebrações. A explicação mais plausível para isso, provavelmente, se encontrava no fato de o jornal, desde os primeiros meses do ano, estar ensaiando uma aproximação com as elites de origem germânica do Vale do Itajaí, as quais vinham dando sinais de que se organizariam politicamente em torno da União Democrática Nacional.

Na cidade de Joinville no mesmo dia 8 de maio, a população reuniu-se às 14 horas da tarde. Na esteira das programações minuciosamente planejadas pela LDN, o centro da cidade foi tomado por uma multidão composta por organizações sindicais, fabris, comerciais, bancárias, escolares, de repartições públicas, bem como de um grupo de representantes do *Jornal de Joinville.* Os discursos davam mostras da expectativa do retorno dos "bravos" soldados da FEB. Às 20 horas, foi dado início à "segunda parte dos festejos do Dia da Vitória". Populares encenaram um cortejo transportando em "ataúdes" e depois enterrando "simbolicamente" os corpos de Hitler e Mussolini, "fautores máximos da desordem mundial". A romaria atravessou toda a extensão da Rua do Príncipe e, no caminho, os líderes fascistas eram "vaiados pela multidão" estacionada naquela rua e adjacências (As empolgantes..., 1945, p. 1).

A reação popular ecoou como uma reexibição de gestos inúmeras vezes teatralizados nas manifestações realizadas em Joinville, Blumenau e Florianópolis em 1942, em repúdio aos ataques da Alemanha nazista contra o Brasil. Se, naquela ocasião, se tratava de expressar as expectativas populares, desafiar os ditadores e elevar o moral dos brasileiros, em 1945 a atitude simbolizava o encerramento ritualizado de um drama social (Turner,

2008) iniciado havia três anos com os ataques aos navios brasileiros. Se antes esperavam pela morte de Hitler, agora a comemoravam. Ademais, um teatro de rua como aquele, ao enveredar pela dramatização da hostilidade, canalizava a possibilidade de virem à tona violências como aquelas que ocorreram em Blumenau, na mesma ocasião (Thompson, 1998, p. 365).

O brilho a esse encerramento ritual foi dado pelo ritmo da banda do 13.º BC. Os oradores tinham suas vozes amplificadas pelos microfones da rádio ZYA-5 e retransmitidas pelos alto-falantes, maximizando o número de pessoas que ouviam os elogios à FEB, a Roosevelt, Churchill, Stalin e... Getúlio Vargas. Sempre que esses nomes eram mencionados, o "público numeroso, das sacadas, das janelas, prorrompiam vivas e palmas". Para encerrar a festa, um militar do 13.º BC deu o "Toque da Vitória" e, em sequência, todas as pessoas presentes, acompanhadas pela banda do batalhão, começaram a entoar a canção "Deus Salve a América" (As empolgantes..., 1945, p. 1).

Em várias cidades do Brasil, assim como em Santa Catarina, as pessoas foram às ruas para comemorar. O comunista baiano João Falcão, em suas memórias, sintetizou o sentimento e as razões de tanta alegria manifestada pela população naqueles dias de abril e maio de 1945:

> Em cada semblante, em cada atitude, observava-se que intensa alegria animava os corações de toda aquela gente, cansada das filas, do racionamento, cansada da guerra. Era a paz que chegava. Seis anos de imensos sacrifícios para os povos conferiram àquele dia o seu verdadeiro valor. Estávamos no limiar de uma nova era, e a humanidade, que tanto lutara e sofrera, tinha agora direito a um mundo melhor (Falcão, J., 1999, p. 277).

Se na análise de Arno Mayer (1987) o nazismo pode ser concebido como sintoma da sobrevida das "forças da inércia" do antigo regime, é correta a leitura de René Rémond (1974, p. 135) de que 1945 representou "a última batalha da democracia e a derrota definitiva do antigo regime político". A Segunda Guerra Mundial, na interpretação desse autor, arrematou um século e meio de revoluções e guerras ao derrubar monarquias autoritárias com raízes no século XVIII (Romênia, Bulgária, Hungria, Itália), regimes de força ao redor do globo e, lógico, o fascismo. Para muitos contemporâneos, parecia que dali em diante a democracia reinaria no globo para todo o sempre (Rémond, 1974).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas semanas que antecederam o fim da Segunda Guerra Mundial, a imprensa periódica intensificou a cobertura internacional, aguardando ansiosamente a vitória dos Aliados sobre a Alemanha nazista. Essa expectativa de reportar em primeira mão a queda de Berlim, motivada pelo senso de imediatismo, gerou equívocos, como o do dia 28 de abril, quando uma informação infundada foi difundida em escala continental. Ainda assim, os profissionais da comunicação demonstraram agilidade, destreza e criatividade na cobertura dos últimos acontecimentos do conflito. Já os proprietários dos jornais aproveitaram o momento como uma oportunidade de lucro. As reações populares, por sua vez, refletiam uma enorme expectativa em relação ao desfecho do conflito – em algumas regiões, talvez mais intensa que em outras. Bastava pouco, em certas cidades, para entusiasmar uma população freneticamente ansiosa pelo fim da guerra e pela derrota do nazismo.

As celebrações abriram espaço para discursos em defesa da democracia e pela continuidade da luta antifascista após a vitória Aliada, gestos que muitas vezes soavam como críticas ao Estado Novo, especialmente quando promovidos por comunistas – como ocorreu. As manifestações pela queda de Berlim também serviram de palco para tensões raciais.

Alguns grupos, provavelmente compostos por pessoas de origem luso-brasileira, "cabocla" e preta, sentiram-se autorizados a humilhar indivíduos de origem estrangeira, sobretudo alemães. Ao mesmo tempo, esses setores enxergavam no fim do conflito o prenúncio de um novo momento nas relações raciais, com a promessa de superar os "mitos de superioridade racial". Em síntese, para a maioria, aquelas manifestações funcionaram como um ritual para encerrar o ciclo de um período dramático iniciado anos antes, marcado pela perda de tantas vidas brasileiras nos ataques perpetrados pela Alemanha em 1942.

REFERÊNCIAS

A ALEGRIA também mata! A satisfação causada pela notícia de paz levou-a ao tumulo. **Cidade de Blumenau**, Blumenau, p. 6, 5 maio 1945. Hemeroteca Digital Catarinense.

A REPERCUSSÃO em Joinville. Comício promovido pela Liga de Defesa Nacional. **Jornal de Joinville**, Joinville, p. 2, 23 abr. 1945. Edição extra. Biblioteca Pública de Santa Catarina.

AS EMPOLGANTES festividades do Dia da Vitória em Joinville. **Jornal de Joinville**, Joinville, p. 1, 9 maio 1945. Biblioteca Pública de Santa Catarina.

AS MANIFESTAÇÕES de ontem pela Vitória final. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 8 maio 1945. Hemeroteca Digital Catarinense.

BARROS, José D'Assunção. **O jornal como fonte histórica**. Petrópolis: Vozes, 2023.

BEEVOR, Antony. **A Segunda Guerra Mundial**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015. *E-book.*

BLUMENAU viveu horas de intenso ardor cívico. **A Nação**, Blumenau, p. 8, 10 maio 1945. Hemeroteca Digital Catarinense.

CAPELATO, Maria Helena. **Os arautos do liberalismo**: imprensa paulista, 1920-1945. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COMÍCIO. **O Estado**, Florianópolis, p. 6, 24 abr. 1945. Hemeroteca Digital Catarinense.

COMO TRANSCORRERAM as festas das comemorações patrocinadas pela LDN de Joinville. **Jornal de Joinville**, Joinville, p. 1, 8 maio 1945. Biblioteca Pública de Santa Catarina.

COSTA, Ruy Moreira da. Um luso-brasileiro em Blumenau. A guerra. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, n. 2, p. 34-39, fev. 1992. Hemeroteca Digital Catarinense.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra**: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Geração Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo**: sociedade e cultura no início da França moderna – oito ensaios. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DESMORONAMENTO total na Itália. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 27 abr. 1945. Hemeroteca Digital Catarinense.

DESORDEM e agitação sem ambiente. **Cidade de Blumenau**, Blumenau, p. 1, 20 maio 1945a. Hemeroteca Digital Catarinense.

DESORDEM e agitação sem ambiente. **Cidade de Blumenau**, Blumenau, p. 1, 30 maio 1945b. Hemeroteca Digital Catarinense.

ENTRARAM em Berlim! **Jornal de Joinville**, Joinville, p. 1, 23 abr. 1945. Edição extra. Biblioteca Pública de Santa Catarina.

ESTE VESPERTINO foi o primeiro em Santa Catarina, a dar a rendição de Berlim. **Jornal de Joinville**, Joinville, p. 1, 5 maio 1945. Biblioteca Pública de Santa Catarina.

FALCÃO, João. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**: testemunho e depoimento de um soldado convocado. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

FALCÃO, Luiz Felipe. A guerra interna (Integralismo, Nazismo e Nacionalização). *In*: BRANCHER, Ana (org.). **História de Santa Catarina**: estudos contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra**: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Itajaí: Editora Univali; Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra não acabou**: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000). Londrina: Eduel, 2018. *E-book*.

FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista**: getulismo, PTB e cultura política popular – 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FERREIRA, Jorge. "Queremos vingança". O afundamento de navios brasileiros pelo submarino alemão U-507 e as reações populares no Rio de Janeiro. **Crítica Histórica**, ano VIII, n. 15, jul. 2017.

FLORIANÓPOLIS vibrou de entusiasmo no "Dia V". **O Estado**, Florianópolis, p. 6, 10 maio 1945a. Hemeroteca Digital Catarinense.

FLORIANÓPOLIS viveu, ontem, indiscutivelmente, horas de intensa vibração, na reunião cívica, promovida pelo Comitê Democrático. **O Estado**, Florianópolis, p. 6, 25 abr. 1945b. Hemeroteca Digital Catarinense.

FORTES, Alexandre. A Segunda Guerra Mundial e a sociedade brasileira. *In*: VANNUCCHI, Marco Aurélio; ABREU, Luciano Aronne de (org.). **A era Vargas**: 1930-1945. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. v. 2.

FORTES, Alexandre. World War II and Brazilian Workers: Populism at the Intersections between National and Global Histories. **International Review of Social History**, v. 62, p. 165-190, dez. 2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GERTZ, René. **O fascismo no sul do Brasil**: germanismo, nazismo, integralismo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GUEDES, Sandra P. L. de Camargo; OLIVEIRA NETO, Wilson de; OLSKA, Marilia Gervasi. **O Exército e a cidade**. Joinville: Editora Univille, 2008.

HOJE, o "Dia da Vitória". **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 8 maio 1945. Hemeroteca Digital Catarinense.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Conselho Nacional de Estatística. **Anuário Estatístico do Brasil**: ano VI, 1941/1945. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1946. Biblioteca Digital do IBGE.

JOINVILLE em delírio e a calma do gal. Eisenhower. **Jornal de Joinville**, Joinville, p. 6, 1.º maio 1945. Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JORNAL DE JOINVILLE. Joinville, p. 1, 3 maio 1945. Biblioteca Pública de Santa Catarina.

JUNQUEIRA, Mary Anne. O correspondente de guerra e a Segunda Guerra Mundial: da apuração à elaboração da notícia (1934-1941). **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 25, 2024.

KERSHAW, Ian. **O fim do Terceiro Reich**: a destruição da Alemanha de Hitler, 1944-1945. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. *E-book*.

LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. *In*: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LIGA de Defesa Nacional. Programa dos festejos comemorativos das Nações Unidas. **Jornal de Joinville**, Joinville, p. 2, 23 abr. 1945. Edição extra. Biblioteca Pública de Santa Catarina.

LOCASTRE, Aline Vanessa. O OCIAA e a boa vizinhança nos Estados Unidos (1940-1945). *In*: OLIVEIRA NETO, Wilson de (org.). **O Brasil no contexto da Segunda Guerra Mundial**: estudos contemporâneos. Joinville: Editora Univille, 2020.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

MARCHA "Aux flambeaux". **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 8 maio 1945. Hemeroteca Digital Catarinense.

MARTINS, Celso. **Os comunas**: Álvaro Ventura e o PCB catarinense. Florianópolis: Paralelo 27: Fundação Franklin Cascaes, 1995.

MAXIMIANO, César Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados**: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Grua, 2010.

MAYER, Arno J. **A força da tradição**: a persistência do Antigo Regime – 1848-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

O DIA D em Joinville. A parada da juventude. O delírio da população. **Jornal de Joinville**, Joinville, p. 1, 3 maio 1945. Biblioteca Pública de Santa Catarina.

OLIVEIRA NETO, Wilson de. Dias de guerra em Joinville: uma cidade de colonização alemã no contexto do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1942-1945). **Antíteses**, Londrina, v. 17, n. 34, p. 111-141, 2024.

O POVO carioca e a rendição da Alemanha. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 2 maio 1945. Hemeroteca Digital Catarinense.

ORGANIZARAM-SE solenemente as forças políticas de Santa Catarina. **A Gazeta**, Florianópolis, p. 11, 13 maio 1945. Hemeroteca Digital Catarinense.

OS RUMORES de rendição incondicional. O presidente Truman desmentiu as informações de cessação da guerra na Europa – Nenhuma comunicação foi veiculada pelo supremo QG aliado. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 29 abr. 1945. Primeira seção (matutina) , p. 1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

PASSEATA em Joinville. Levadas em triunfo as bandeiras das Nações Unidas. **Jornal de Joinville**, Joinville, p. 1, 23 abr. 1945. Biblioteca Pública de Santa Catarina.

POLÍTICA do rico contra o pobre. **A Gazeta**, Florianópolis, p. 1, 3 maio 1945. Hemeroteca Digital Catarinense.

PRESO o ex-duce. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 28 abr. 1945. Hemeroteca Digital Catarinense.

RÉMOND, René. **O século XX**: de 1914 aos nossos dias. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

REVIDANDO uma calunia. **A Nação**, Blumenau, p. 2, 25 maio 1945. Hemeroteca Digital Catarinense.

RIBEIRO, Manoel Alves. **Caminho**. Florianópolis: Gráfica Edeme, 1989.

SEGUNDO "bluff" do sensacionalismo pregado à população. Até alta madrugada a multidão encheu as ruas dando expansão às suas alegrias. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 29 abr. 1945. Primeira seção (matutina), p. 24. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

SENA JUNIOR, Carlos Zacarias de. **Os impasses da estratégia**: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil – 1936-1948. Salvador: EdUFBA, 2022.

SILVA, Janine Gomes da. **Tempo de lembrar, tempo de esquecer**: as vibrações do Centenário e o período da Nacionalização – histórias e memórias sobre a cidade de Joinville. Joinville: Editora Univille, 2008.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas**: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.